Reflexão

SINAL DOS TEMPOS



Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

SÃO TEMPOS difíceis em nível global, mas muito bicudos para o Brasil. Nosso pós-eleitoral é um sinal disso, com os vencedores ensaiando uma tentativa de unir a própria base! Saímos da eleição muito divididos, e a ressaca segue causando dores de cabeça.

Quando se olha para fora do Brasil, se vê alguns quadros ou referências bastante díspares. A economia norte-americana reage de forma sensível e positiva, e o eixo econômico global volta a pender para lá. A Europa continua lutando para sair do seu quadro de recessão, que complica o futuro do euro e traz impactos de divisão. A Rússia ganha força e faz lembrar a antiga União Soviética (URSS), e a China segue sendo o vetor fundamental do crescimento da demanda por *commodities*, graças a Deus!

As mudanças nos EUA que mais chocam os analistas dizem respeito à área energética. O uso do *shale* (xisto) na forma de petróleo e de gás transformou a geopolítica, com os EUA reduzindo dramaticamente importações e trabalhando sua própria Constituição para, eventualmente, exportar energia (petróleo).

Outras mudanças importantes dizem respeito ao Oriente Médio, que vê redução nas exportações de petróleo e queda nos preços; ao mesmo tempo, tem-se a ascensão altamente preocupante da nova força islâmica que, de alguma forma, une alguns países ao Ocidente.

Sinal dos novos tempos, o Vaticano mostra um papa ativo colocando em discussão temas de mudanças na Igreja Católica. Trata-se de questões polêmicas e corajosas, que estão sacudindo as posições estabelecidas em 1563. Na estruturação da Igreja Católica, o Papa tem autoridade para mudanças. No entanto, tem feito consultas formais e públicas, com sinais de democracia.

Toda essa ousadia do papa Francisco abala a delicada Igreja e mostra as resistências, claramente manifestadas. A lógica estratégica da ação enfrenta o confronto entre os conservadores e atrai, por outro lado, os grupos que se afastavam do catolicismo. E somente uma visão estratégica e a coragem levarão a mudanças.

Também sinal dos tempos foi a eleição da presidente da República no Brasil. Metade mais um pouco venceu, com clara importância da região Norte-Nordeste, incluindo Minas Gerais. Na outra pouco menos da metade, incluindo as regiões de predomínio do agronegócio, venceu a oposição. Esse clima, no pós-eleição, traz dados da realidade econômica do País, que preocupam a todos e que desenham dois caminhos claros: de um lado, um continuísmo que é perturbador; de outro, mudanças essenciais para o futuro do País, valorizando o que se tem de essencial na economia brasileira. Qual desses cenários irá prevalecer? Até que ponto o antagonismo entre situação e oposição visto nos debates eleitorais receberá a grandeza dos vencedores?

Em artigo no Valor Econômico, Alberto Carlos Almeida faz uma declaração interessantíssima sobre o momento político vivido pelo PT e pela presidente Dilma Rousseff no 2º mandato a ocorrer: "quando o governo de esquerda não leva em consideração o interesse dos capitalistas, eles desinvestem. O desinvestimento faz com que a economia cresça menos, ou não cresça, e assim piora a situação financeira dos trabalhadores. Dilma tem meta de assegurar as condições de vitória eleitoral em 2018 e sua escolha será feita em 2015. Para que isso seja alcançado, é preciso ceder aos empresários e investidores, como fez Lula no seu 1º mandato".

Mesmo assim, há divisão sobre como agir. Os grandes mentores brasileiros da esquerda têm a visão de que o melhor para o Governo é contrário ao mercado financeiro.

Enfim, sinal dos tempos! Aliás, sempre é bom citar o agronegócio e as suas dependências do tempo. Como seu eixo principal, a agricultura é a arte da espera, mas sempre atendendo o tempo, desde o preparo do solo, passando pelo plantio, até a colheita. O tempo, sempre, será o grande ator. ■

* Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)